

# Jorge Luis Borges – Cristo na cruz

Cristo na cruz. Os pés tocam a terra.  
As três vigas são de igual altura.  
Cristo não está no meio. É o terceiro.  
A negra barba pende sobre o peito.  
O rosto não é o rosto das lâminas.  
E áspero e judeu. Não o vejo  
e o seguirei buscando até o dia  
último de meus passos pela terra.  
O homem violado sofre e cala.  
A coroa de espinhos o lastima.  
Não o alcança o escárnio da plebe  
que viu sua agonia tantas vezes.  
A sua ou a de outro. Dá no mesmo.  
Cristo na cruz. Desordenadamente  
pensa no reino que talvez o espera,  
pensa em uma mulher que não foi sua.  
Não lhe é dado ver a teologia,  
a indecifrável Trindade, os gnósticos,  
as catedrais, a navalha de Occam,  
a púrpura, a mitra, a liturgia,  
a conversão de Guthrum pela espada,  
a Inquisição, o sangue dos mártires,  
as atozes Cruzadas, Joana D'Arc,  
o Vaticano que bendiz exércitos.  
Sabe que não é um deus e que é um homem  
que morre com o dia. Não lhe importa.  
Lhe importa o duro ferro dos cravos.  
Não é um romano. Não é um grego. Geme.  
Nos deixou esplêndidas metáforas  
e uma doutrina do perdão que pode  
anular o passado. (Essa sentença  
foi escrita por um irlandês em um cárcere.)

A alma busca o fim, com urgência.  
Escureceu um pouco. Já morreu.  
Anda uma mosca pela carne quieta.  
Que pode me servir que aquele homem  
tenha sofrido, se eu sofro agora?

Kyoto, 1984

**Jorge Luis Borges, Os Conjurados**